

Glauber Rocha tinha um papel para FFH

O GLOBO
01 MAR 2000

ELIO GASPARI

FHC

Glauber Rocha foi visto num bar da Avenida Atlântica confirmando que convidou FFH para trabalhar no filme "Terra em transe", porque viu-o no papel de Don Porfirio Diaz. Glauber foi profético ao filmar a morte dos "poderes do povo" em Deus e o Diabo na Terra do Sol, que estreou poucos dias antes da deposição de João Goulart.

Foi novamente profético ao mostrar, em "Terra em transe", o beco sem saída dos intelectuais que flertavam com a luta armada. Finalmente, buscou no passado a profecia da aliança tucano-pefelê. Criou-a na figura de Don Diaz (Paulo Autran), magnífico no momento de sua coroação, no saguão de mármore do Teatro Municipal. Faltando-lhe o lado tirânico e malvado de Diaz, FFH seria um personagem melhor, benevolente.

São muitas as ruínas sociais produzidas por FFH, mas poucas trarão conseqüências tão dolorosas para a sociedade brasileira quanto o estímulo que deu à destruição do tecido das relações trabalhistas.

Em dezembro de 1996, quando o tamanho da crise do emprego ainda podia ser disfarçado com teatralida-

des, ele disse o seguinte:

"Estes brasileiros que trabalham por conta própria e os que não têm carteira assinada são os que tiveram maior aumento de emprego e renda desde o início do Plano Real."

A fantasia rezava que esses brasileiros tinham deixado seus empregos, e suas carteiras de trabalho, para abrir pequenas empresas no setor de informática. Lorota. Os empregos informais que mais cresciam no país eram os de peruero e camelô. No Brasil, quem vai para o setor de serviços numa boa é ex-ministro quando vira consultor. A choldra vai para o carrinho de cachorro-quente.

Nessa época havia em torno de 30 milhões de trabalhadores sem carteira assinada. Em seu governo a percentagem de trabalhadores protegidos pelas leis trabalhistas caiu abaixo dos 50%. No final de 1996, o crescimento do trabalho ilegal no Brasil tinha a taxa mais elevada do mundo e o número absoluto dos tungados chegou a 38 milhões. E FFH achou bom.

Até as pedras sabiam que esses

trabalhadores estavam comprometendo suas aposentadorias e, num efeito reverso, drenando o futuro da receita da Previdência. (Noves fora o fato de a maioria deles não ter acesso ao Fundo de Garantia, ao 13º salário e aos direitos trabalhistas mais elementares.)

Os trabalhadores da fazenda Buritis só tiveram suas carteiras assinadas quando FFH começou sua corrida presidencial. Ele manteve no cargo um ministro da Agricultura (Arlindo Porto) que não só não assinava a carteira de seus "tarefeiros" como anunciava que não pretendia fazê-lo. O ministro do Trabalho da ocasião, doutor Paulo Piva, chegou a dizer, no

seu português hilário, que "com o objetivo de diminuir os custos de admissão e demissão o Governo federal está negociando com os atores sociais relevantes formas de reduzir os encargos sociais."

"Encargos sociais dos outros, porque descolou um belíssimo emprego no Banco Interamericano do Desenvolvimento, com plano de aposenta-

doria de suíço e seguro saúde de marajá hipocondríaco.

A degradação do contrato trabalhista era uma tendência perversa da economia em crise, mas pela primeira vez em quase 30 anos um presidente da República estimulou o trabalho ilegal. Admita-se que tenha feito isso por conta daquela lenda de um novo Renascimento na história do mundo. Ele acreditava que em seus primeiros quatro anos de governo o Brasil cresceria 20%. (Não vai crescer isso em oito).

Na segunda metade de 1997 os sábios se deram conta de que tinham colocado uma bomba na caixa da Previdência. Ela precisava de dois milhões de novos contribuintes a cada ano e não tinha onde buscá-los. Começaram a pensar num remédio, mas como trabalham pouco e pensam de vez em quando, ficaram no palavrório.

Resultado: o IBGE acaba de informar que na última década o trabalho informal cresceu 62% (8% só nos últimos dois anos) enquanto em 1999 a massa dos trabalhadores com carteira assinada encolheu 12,57%. Nas seis principais regiões metropolitanas há 4,4 milhões de pessoas trabalhando à margem dos direitos trabalhistas e fora da contabilidade da

previdência. Depois dizem que é o aumento do salário-mínimo quem arrisca quebrá-la. É a falta de receita, produzida pela estagnação econômica, pela insensibilidade social e pela devastação dos direitos do andar de baixo.

Como não interessa ao andar de cima que a patuléia morra de fome (porque nesse caso vai-se embora a faxineira), o ministério da Previdência está estudando uma fórmula para capturar os trabalhadores sem direitos.

Melhor: FFH mudou de *script*. Outro dia ele informou o seguinte:

"Não temos o direito de desconhecer que metade da população que trabalha está fora de qualquer legislação e que esse é o maior problema que temos hoje."

Resta saber quem tem o problema. Os trabalhadores que ficaram sem os seus direitos? Ou o Governo, que ajudou a expulsar os trabalhadores da rede de proteção social das relações trabalhistas e agora está pensando numa nova modalidade de tunga? Ganha um ingresso para ver "Terra em Transe" que apostou na segunda possibilidade.

ELIO GASPARI é colunista do GLOBO.

O Governo ajudou
a expulsar os
trabalhadores da
rede de proteção
social
